



Setor leiteiro projeta recuperação para 2025

Após as enchentes, expectativa é crescer 5% no Rio Grande do Sul

Bárbara Lima, de Não-Me-Toque
barbaral@jcrs.com.br

Diferentemente da soja, a produção de leite vive um momento de boas expectativas apesar da estiagem. Com a boa safra de milho, a alimentação dos animais permite uma produção expressiva no Estado. De acordo com o secretário executivo do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat-RS), Darlan Palharini, a expectativa é que o setor registre um crescimento de 5% em relação ao ano passado, quando o RS produziu 4 bilhões de litros. Questões relacionadas à atividade foram debatidas no 20º Fórum do Leite, realizado ontem durante a 25ª Expodireto, em Não-Me-Toque.

“O momento é positivo. Esta-

mos com estabilidade de preços e viés de alta para o produtor. Quem trabalha com grãos enfrenta dificuldades por conta da estiagem, mas, com a profissionalização no leite, estamos conseguindo superar esses desafios”, ponderou Palharini. Ele acrescenta que nem mesmo a importação tem causado efeitos tão negativos no setor, uma vez que o consumo interno também tem aumentado.

Em 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou problemas com matéria-prima e as enchentes impactaram os resultados no segundo semestre. “Temos, para este ano, uma recuperação na produção. A silagem foi boa e não faltou chuva para o milho. Podemos chegar a mais de 4,3 bilhões de litros de produção”, projetou.

O gerente de produção animal da Cotrijal, Eduardo Bosse, destaca que a produção de leite tem se mostrado uma alternativa para complementar a renda dos produtores, especialmente em períodos de seca que afetam a soja e outros grãos. “É uma forma de os produtores pagarem suas contas, diversificando a produção”, afirmou.

Apesar disso, tanto Bosse quanto Palharini ressaltam que a sucessão familiar e a falta de mão de obra têm prejudicado o setor. “O maior desafio é o abandono na sucessão. Muitos jovens estão deixando o campo”, disse Palharini. “Trabalhar com leite é uma atividade diária, que exige dedicação do produtor. Ainda há desafios climáticos, mas o ciclo do leite é mensal, o que proporciona maior



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.
www.jornaldocomercio.com/agro



JM ALVARENGA/DIVULGAÇÃO/JC

No ano passado foram produzidos no Estado 4 bilhões de litros de leite

capacidade de recuperação”, acrescentou Bosse.

Uma resposta a essas dificuldades tem sido a informatização e a robotização da atividade, além do aumento da produtividade sustentável por animal, temas

debatidos no fórum. “Aqui estamos vendo que uma propriedade mais produtiva minimiza as emissões de gases de efeito estufa. É fundamental que avancemos em propriedades sustentáveis”, destacou Palharini.

Aumento da eficiência nas fazendas reduz pegada de carbono

Reconhecido por sua pecuária sustentável, o Rio Grande do Sul pode avançar ainda mais na eficiência das fazendas leiteiras. Um dos palestrantes do 20º Fó-

rum do Leite, o professor associado do Departamento de Medicina Veterinária e Ciência Animal da Universidade de Copenhague, na Dinamarca, Luiz Pereira, explicou

que a perda de energia em uma fazenda resulta no aumento da emissão de metano, um dos principais gases de efeito estufa. “Se aumentamos a eficiência, reduzimos a pegada de carbono”, afirmou. A pegada de carbono é a quantidade total de gases de efeito estufa, principalmente dióxido de carbono (CO₂) e metano (CH₄). Ela mede o impacto ambiental dessas emissões no aquecimento global e pode ser reduzida por meio de práticas sustentáveis, como eficiência energética, uso de fontes renováveis e manejo adequado de resíduos.

Uma das formas de alcançar esse objetivo é melhorando a eficiência alimentar, ou seja, fornecendo mais amido para os ani-

mais. Segundo um levantamento da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) realizado em 1.743 fazendas, apenas duas foram classificadas como de baixa pegada de carbono, enquanto a maioria se enquadrava nas categorias média ou alta.

Outros fatores que influenciam na pegada de carbono são o combustível utilizado nas fazendas e o manejo de dejetos. Além disso, a genética também contribui para o melhor desempenho dos animais. “São medidas que aumentam a produção e reduzem a intensidade das emissões”, explicou o professor.

Uma fazenda com índice abaixo de 1 é considerada de baixa pe-

gada de carbono, enquanto aquelas acima de 2 são classificadas como de alta pegada. “As propriedades de baixo carbono precisam de investimentos. Já as de alta pegada enfrentam problemas estruturais e demandam melhor gestão do rebanho. Se não fizerem isso, é provável que o produtor desista. As que estão na faixa intermediária precisam de uma alimentação com maior teor de amido e melhoramento genético”, detalhou.

Essas fazendas com baixa emissão de gases de efeito estufa estão agregando valor aos seus produtos e encontrando mercados importantes, especialmente na Europa, onde os consumidores buscam alimentos de origem sustentável.

TÂNIA MEINERZ/JC



Pereira destacou importância de fazendas leiteiras eficientes

Roberto Rodrigues recebe homenagem na Expodireto

O ex-ministro da Agricultura e ex-presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) Roberto Rodrigues foi homenageado na Expodireto Cotrijal. A solenidade, conduzida pelo presidente do Sistema Ocergs, Darci Hartmann, contou com a presença do governador do Estado, Eduardo Leite, e do presidente da feira, Nei César Mânica. Na ocasião, Rodrigues, considerado a maior autoridade em cooperativismo nas últimas décadas, recebeu do dirigente da Ocergs um quadro

cujos simboliza a conexão global das cooperativas e seus efeitos duradouros em diversas esferas da sociedade.

“Não poderíamos deixar de homenagear esse grande semeador de ideias do cooperativismo, não só do Brasil, mas do mundo. Você sempre foi um exemplo para todos nós. Tenho certeza que, mirando o seu exemplo, vamos crescer cada vez mais”, destacou Hartmann. Rodrigues, que também é embaixador especial para o cooperativismo da Organização das

Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO/ONU), retribuiu o gesto e ressaltou a importância das cooperativas como instrumento de garantia da paz na medida em que o modelo defende o equilíbrio e a inclusão. O governador Eduardo Leite reconheceu a pujança do sistema cooperativista – que representa cerca de 14% do PIB gaúcho – e aplaudiu o exemplo das cooperativas quanto aos princípios de união e integração.

“Que possamos entender que, como sociedade, precisamos tra-

balhar juntos, e o sistema cooperativo, sem dúvidas, dá lições muito importantes nesse sentido”.

Mais cedo, no discurso de abertura da feira, Leite fez questão de citar o Ano Internacional das Cooperativas. “O sistema cooperativo, não apenas na produção agrícola, mas também em outros setores, como na distribuição de energia, é nosso parceiro para desenvolver o nosso estado.”

A Organização das Nações Unidas (ONU) declarou 2025 o Ano Internacional das Cooperati-

vas, uma oportunidade para que o mundo inteiro conheça mais sobre o cooperativismo e como esse modelo de negócio transforma a vida das pessoas e comunidades com empreendimentos coletivos que produzem de forma justa e sustentável. O papel do Sistema Ocergs na promoção do cooperativismo no Rio Grande do Sul envolve ações de comunicação, engajamento e eventos, com foco em destacar o impacto positivo das cooperativas e ampliar a visibilidade do modelo de negócio.